

BOLETIM

INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXIV nº 1349 - 20/06/2016 a 26/06/2016

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

LOGÍSTICA

INVESTIMENTOS EM FERROVIAS



Diversificação

O incansável
bicho-da-seda

Feijão

Quebras fazem
preço decolar

www.sistemafaep.org.br

Já faz bastante tempo que a FAEP vem batendo numa mesma tecla: sem melhorias na estrutura logística do país, os esforços para melhorar a produtividade serão em vão. Isso é especialmente verdadeiro para a nossa atividade – de que adianta ter uma das maiores capacidades produtivas do mundo no setor agrícola, se não temos por onde exportar o que colhemos? –, mas também vale para outras áreas. Indústria e comércio também se beneficiarão imensamente de uma rede de transportes que permita levar cargas rapidamente de um ponto a outro do país, ou para qualquer ponto do mundo.

É por isso que a instituição acompanha com tanto cuidado as questões ligadas ao tema, como o plano de investimentos das ferrovias que cortam o Estado, tema de capa desta edição. Da mesma forma, a FAEP está de olho nos pedágios e nos portos. Eficiência é a chave do sucesso para o Brasil, e a apatia com que o assunto tem sido tratado interessa apenas aos nossos concorrentes no mercado internacional.

Vamos continuar acompanhando e cobrando soluções. E elas vão passar, obrigatoriamente, pelo investimento privado. O Estado brasileiro está sem recursos e, mesmo que os tivesse, há muitas outras frentes em que precisa estar presente. Se os governos deixarem de atrapalhar, já estarão fazendo um grande favor ao país.

Boa leitura!

Índice

Proagro	03
Logística	04
Panorama da Agropecuária	08
Capacitação - Brigadas	09
SENAR-PR - Agrinho	10
Vazio Sanitário	12
Sericultura	14
Bem-estar	18
USDA	20
Fejão	24
Conseleite	26
Notas	27
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradí Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP; Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal: Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo

Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon | **Editor:** Franco Iacomini | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, André Amorim e Carlos Guimarães Filho | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuei

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da edição 1349: Fernando Santos, Milton Dória, Mauro Frasson, Néder Corso, Shutterstock, Rumo Logística, Divulgação e Arquivo FAEP

Peritos em greve

Sem laudo técnico, produtores podem perder indenizações. FAEP encaminhou ofício pedindo esforços das autoridades para que fechem acordo



No último dia 7 de junho, o presidente da FAEP, Ágide Meneghette encaminhou um ofício ao Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) e aos deputados paranaenses membros da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) solicitando um esforço junto ao Banco Central (BC) a fim de atender as reivindicações dos técnicos que realizam as perícias do Programa de Garantia da Atividade Agropecuária (Proagro), que entrara em greve no último dia 1º de junho. Eles pedem melhores condições de trabalho.

Segundo Daniel Galafassi, presidente da Associação Paranaense de Planejamento Agropecuário (Apepa), entidade que representa as empresas e profissionais do setor, na última quinta-feira (16) representantes do Banco do Brasil entraram em contato para informar que nos próximos dias o BC apresentará uma proposta de reajuste para a categoria. “Assim que houver um convite oficial e uma proposta concreta realizaremos uma assembleia para ver se a greve continua ou não”, disse.

A paralisação decorre da falta de reajuste no preço pago aos peritos, que não estaria remunerando sequer os custos do trabalho. Atualmente o valor pago pelo BC aos profissionais por uma perícia é de R\$ 230,00, e não é reajustado desde 2012. Segundo Galafassi, o valor pleiteado pela categoria é R\$ 680,00 por perícia. A tabela do Banco Central tem um preço mínimo e um preço

máximo, que varia de acordo com a faixa de valor financiado. Mas aqui no Paraná só pagam o mínimo”, afirma.

A paralisação dos peritos é extremamente danosa ao setor agropecuário, uma vez que os produtores ficam impossibilitados de fazer a colheita, pois correm o risco de não receber as indenizações do Proagro por falta de laudo que comprove o prejuízo e permita a indenização. Por outro lado, deixar de colher pode comprometer a qualidade dos grãos que ficam no campo, além de atrasar o calendário agrícola e prejudicar a comercialização. A situação do produtor, que já teve perdas por conta do clima, fica ainda mais agravada em qualquer uma das situações.

Segundo Galafassi, as perícias que foram iniciadas antes da paralisação serão conduzidas até o fim, mas novos processos não serão abertos até que a situação seja resolvida. “Você tem que se deslocar até a propriedade no seu carro, fazer fotos, medir a área com GPS, fazer análise da lavoura, encaminhar o laudo para o banco, depois volta na hora da colheita e faz a análise de produtividade. O valor pago não é compatível nem com o tempo e com os gastos, nem com a responsabilidade, pois é o perito que assina o laudo técnico”, argumenta.

A categoria decidiu pela paralisação no dia 31 de maio, quando foi feita uma reunião em Cascavel com peritos de todo o Estado.

Mobilização em prol do modal ferroviário no PR

Rumo anuncia investimentos e projetos no Estado. Expectativa é de um salto de eficiência no escoamento dos grãos nos próximos anos

Por Carlos Guimarães Filho



Reunião na semana passada no Palácio Iguçu, em Curitiba, mobilizou lideranças políticas e do setor produtivo paranaense

O escoamento da produção agrícola paranaense, especialmente de grãos, deve ganhar um reforço significativo nos próximos anos. O uso de ferrovias como parte da solução logística para o fluxo de carga, principalmente da região Oeste, até o Porto de Paranaguá, no Litoral, pode ser ampliado a partir dos projetos programados pela empresa Rumo Logística, fruto da fusão da Rumo com a ALL em abril de 2015. O investimento total programado ultrapassa os R\$ 3,2 bilhões.

O projeto para a expansão e o plano de investimentos foram detalhados, na última quinta-feira (16), em apresentação do presidente da Rumo Logística, Julio Fontana, para o governador Beto

Richa, secretários de Estado e entidades do setor produtivo, com forte presença da equipe da FAEP, no Palácio Iguçu, em Curitiba. A reunião entre os principais agentes ligados aos setores do agonegocio, transporte e indústria foi à prova da mobilização em prol da melhoria da infraestrutura e logística estadual.

“Os investimentos em logística e infraestrutura são vitais para o avanço do Estado. Mesmo com aperto no caixa, estamos conseguindo realizar melhorias. E os investimentos apresentados pela Rumo Logística irão contribuir diretamente”, destaca Beto Richa. “Ninguém no mundo transporta carga por tantos quilômetros em rodovias. É sempre por ferrovia e hidrovía. Precisamos viabilizar

o modal ferroviário para melhorar a renda do produtor, que acaba ficando com o que sobra descontando os gastos com transporte”, aponta o presidente da FAEP, Ágide Meneguette.

que desejamos, mas está funcionando”, ressalta Ágide. “Temos produtos para embarcar, e estamos dispostos a investir”, complementa Fontana.

Mais poder de investimentos

A FAEP entrou com ação contra a fusão da Rumo Logística e a América Latina Logística no Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), em 2014, alegando que a fusão poderia gerar uma concentração da malha ferroviária das concessionárias para a Cosan, produtora de açúcar e combustíveis, sócia da ALL.

Outra preocupação da FAEP na época, foi que a empresa, tendo incorporado a ALL, que tem concessões na região Sul até 2027, priorizasse investimentos no Paraná. Em 2015, a fusão foi aprovada pelo Cade com restrições. “Nós queríamos que tendo a garantia de transporte para o agronegócio, o Paraná estivesse entre as prioridades de investimento, e isso está se cumprindo. A malha ferroviária está sendo refeita. Pode não ser na velocidade

Tecnologia e maquinários

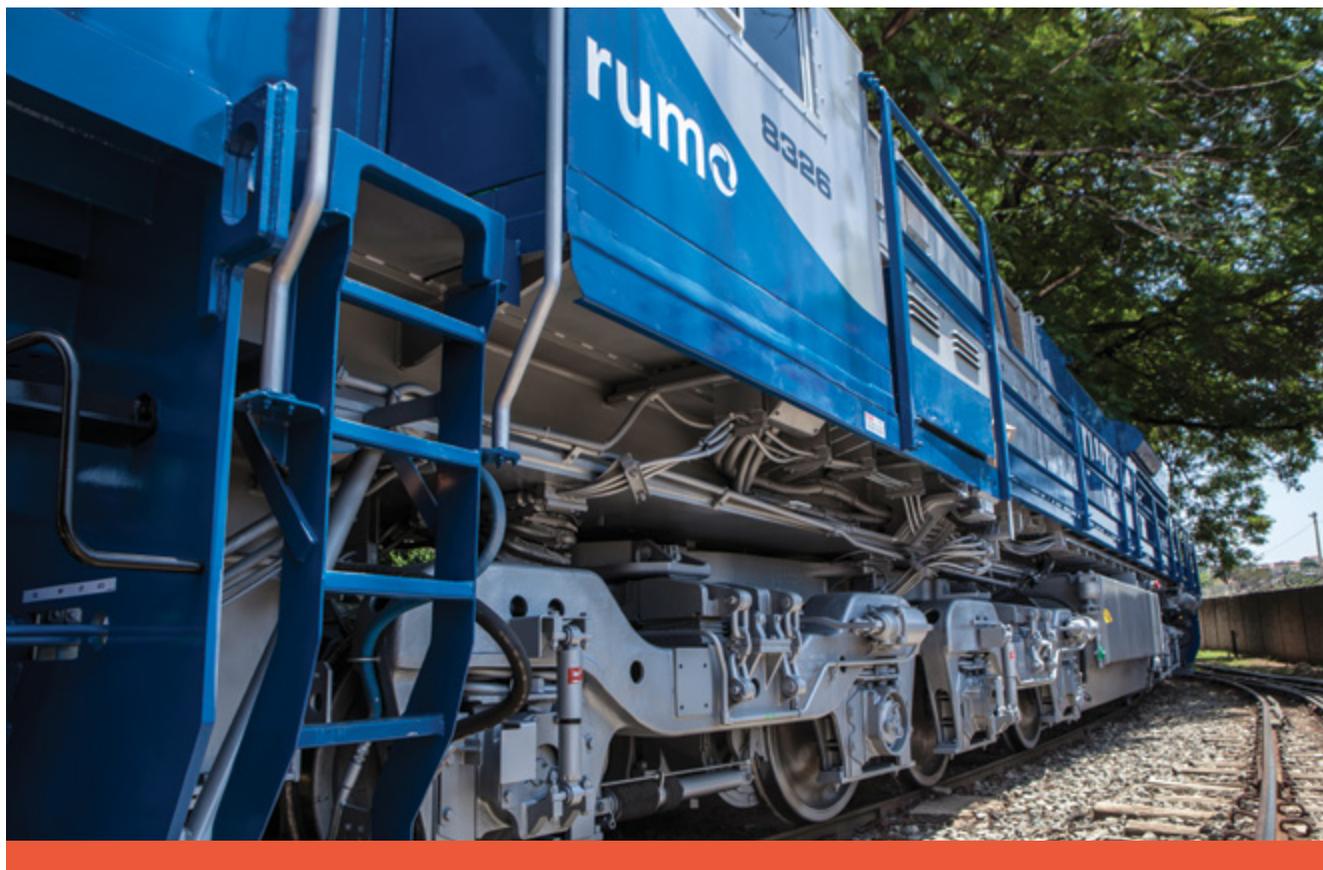
O plano de investimentos da Rumo Logística está dividido em duas etapas: de 18 meses e valor de R\$ 1,1 bilhão e de longo prazo e montante de R\$ 2,1 bilhões. O primeiro, que visa o aumento de eficiência operacional e redução de custos, inclui uma longa lista de benfeitorias, desde a aquisição de maquinário até melhorias estruturais.

Até o momento, a companhia já reformou 31 locomotivas e 236 vagões, num total de R\$ 17,6 milhões. Ainda existe a programação, parte já realizada, para a compra de 47 locomotivas, sendo 21 em 2016 e o restante no próximo ano, e 378 vagões, num investimento total de R\$ 528 milhões.

“As novas locomotivas foram desenvolvidas especialmente para o traçado do Paraná, ideal para as curvas da serra, e utilizam motor ecológico”, destaca Fontana.

R\$ 3,2 bi

esse é o investimento que a Rumo/ALL prevê realizar no Paraná, dependendo das contrapartidas



Além disso, outras melhorias que estão no pacote, já realizadas e/ou em andamento, são a reforma do acesso aos silos públicos, o chamado silão, no Porto de Paranaguá, recuperação de vias permanentes de perímetros urbanos nas regiões de Maringá e Londrina, substituição de mais de 74 mil dormentes de madeira das bitolas métricas, revitalização das oficinas de vagões espalhadas pelo Estado, entre outras.

A empresa atua em seis Estados (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul) e detém quatro concessões ferroviárias no país, totalizando 12 mil quilômetros de ferrovias.

Serra do Mar

O traçado antigo da Serra do Mar, com muitas curvas e rampas acentuadas, exige intervenções pontuais para aumentar a capacidade de escoamento até o Porto de Paranaguá, uma das principais portas de saída dos grãos produzidos no Brasil. No trecho entre Marumby e o Véu da Noiva, por exemplo, não é possível duplicar a ferrovia e/ou construir um novo pátio.

Diante do desafio, a Rumo prevê a ampliação dos pátios

que antecedem a Serra, tanto na descida como na subida, a implantação de trens maiores e obras de menor porte fora das áreas de conservação ambiental.

Especificamente na curva São João, no Km 62, a companhia aguarda a autorização da Secretaria Estadual da Cultura, pois a Serra do Mar é tombada pelo seu valor histórico e cultural, para retirada de uma pedra que inviabiliza o uso de veículos mais modernos e aumenta o risco de descarrilamento no local.

“Na Serra, os investimentos são de pouco impacto. Com pequenas intervenções, podemos aumentar a capacidade e atender a demanda”, garante Fontana.

A projeção, após a execução das medidas programadas, é elevar a capacidade de transporte das atuais 15,7 milhões de toneladas/ano para 26,8 milhões de toneladas/ano.

“Se não resolvermos esse problema e eliminarmos os gargalos de chegada ao Porto de Paranaguá, podemos perder cargas. Temos que ficar atentos aos vizinhos, mas especificamente com a Argentina, que está se reestruturando”, alerta Pepe Richa, secretário estadual de Infraestrutura e Logística.

R\$ 528

foram gastos na aquisição de 47 locomotivas e 378 vagões, exclusivos para o traçado do Estado



Julio Fontana, da Rumo, Cylleneo Pessoa, secretário estadual de Planejamento, e Ágide Meneguette durante a reunião

Oeste do PR

O principal desafio dos projetos da Rumo Logística é viabilizar o escoamento da produção de grãos do Oeste do Estado. A companhia calcula que existe um volume potencial para captação de 9 milhões de toneladas/ano, sendo 5,9 de soja e 3,4 de milho, inclusive com parte produzida no Paraguai. Além disso, existe a possibilidade de transportar fertilizante no retorno, para entregar às empresas responsáveis pela mistura dos insumos e produtores da região.

“Mas o traçado sinuoso atual tem muitas restrições para aumentar a capacidade”, pondera Fontana.

Diante da situação, a empresa estuda duas alternativas. A primeira seria um novo traçado de 138 quilômetros ligando Guarapuava a Ipiranga do Sul, ao custo aproximado de R\$ 960 milhões. O outro, um traçado novo de 232 quilômetros de Guarapuava até a estação de Engenharia Bley, no município da Lapa, Região Metropolitana de Curitiba,

a partir do montante a ser investido de R\$ 1,9 bilhão. Porém, esses investimentos estão condicionados à extensão do prazo da concessão pela Agência Nacional de Transporte Terrestre (ANTT).

“Já existem conversas com investidores para viabilizar o novo traçado”, aponta o presidente da Rumo.

A possibilidade de uma nova linha férrea que permita o aumento da capacidade de escoamento anima o setor produtivo da região Oeste. A Cotriguaçu Cooperativa Central, que reúne a Coopavel, C.Vale, Lar e Copacol, acredita que essa seria uma forma de tirar a região de um isolamento quando a questão é modal ferroviário.

“O projeto é fundamental para as cooperativas. Hoje, o Oeste importa grãos do Paraguai e Rio Grande do Sul para processar para a avicultura. Estamos interessados em conhecer mais esse projeto, estreitar os interesses e, possivelmente, se tornar parceiro”, enfatiza Irineo da Costa Rodrigues, presidente da Cotriguaçu.

“Estamos com o diálogo aberto com toda e qualquer liderança do Estado”, retribui Fontana.

**26,8 mi /
t / ano**

poderão chegar ao Porto de Paranaguá
após as intervenções previstas na
Serra do Mar



11 mi/t

de grãos e açúcar foram movimentados pela Rumo em 2015. A perspectiva é atingir 16,2 m/t em 2020

20%

dos grãos que chegaram ao Porto de Paranaguá em 2015 foram via Rumo

9 mi/t/ano

esse é o volume potencial captável pelo modal ferroviário na região Oeste

Um panorama do Paraná

Sistema FAEP/SENAR-PR prepara levantamento amplo das culturas do Estado, com informações inéditas sobre a importância da agropecuária para os paranaenses



Quem é o principal produtor de cebola do Estado? Qual é a importância real da fruticultura para a economia do Paraná? Quais são as variáveis econômicas que mais influenciam a atividade agropecuária na nossa região?

Essas e muitas outras informações farão parte do estudo “Panorama de mercado das principais atividades da agropecuária paranaense”, que está em fase final de desenvolvimento por técnicos do Sistema FAEP/SENAR-PR. O documento vai fundo nas informações econômicas sobre o Estado, compilando dados do IBGE, da própria FAEP e de outras fontes, de forma a montar o retrato mais detalhado já feito nesse segmento, que deve estar disponível no próximo mês. Tais informações deverão servir para orientar investidores interessados em conhecer o Paraná e orientar suas decisões estratégicas. Aqui, no Boletim Informativo, o leitor também vai encontrar uma série de reportagens baseadas nesses dados, trazendo uma dimensão humana aos números econômicos.

Vale lembrar que o Paraná possui forte vocação agrícola. Se-

gundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apesar de ocupar apenas 2,3% do território nacional, nossa produção de grãos garante 18,1% da produção nacional, ocupando o segundo lugar no ranking brasileiro. Trata-se da quarta maior economia do país, que responde por 6,3% do PIB Nacional e 7,3% das exportações. Em 2015, o valor exportado de produtos do agronegócio correspondeu a 78% do valor total exportado pelo Estado. Apenas o complexo soja respondeu por 41% do total exportado, seguido por carnes, com 23%, e produtos florestais com 13%.

O levantamento mostra alguns dados curiosos. O Valor Bruto de Produção (VBP), que corresponde ao faturamento bruto de determinada cultura e/ou região e que equivale a uma medida do PIB para o setor agropecuário) da couve-flor no Paraná, por exemplo, equivalia a R\$ 313,6 milhões em 2014, o que colocava a cultura como a 32ª atividade mais importante no Estado – à frente de plantios tidos como mais “nobres”, como a laranja, que aparece em 35º, com VBP de R\$ 263,2 milhões.

Perigo controlado

Profissionais do SENAR-PR participam da capacitação na prevenção e combate aos incêndios florestais, em Brasília



Na primeira semana de junho, o engenheiro-florestal Neder Maciel Corso e o instrutor Pedro Maia Penna, ambos do SENAR-PR, participaram, em Brasília, da capacitação do programa de Prevenção e Controle do Fogo na Agricultura, promovida pelo Centro Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais (Prevfogo) do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). O curso envolveu uma série de conteúdos, como legislação, segurança, comportamento do fogo, incêndios florestais, manejo integrado do fogo e educação ambiental no processo de prevenção.

Além dos profissionais do Paraná, instrutores do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Amazonas, Minas Gerais, Roraima, Pará, Distrito Federal e Goiás também fizeram parte da turma. Além da teoria, dinâmicas práticas foram realizadas no Núcleo de Tecnologia em Piscicultura da Seagri/DF.

De acordo com Corso, a metodologia aplicada em Brasília é semelhante ao curso de Prevenção e Combate aos incêndios Florestais ofertado pelo SENAR-PR. A formação foi criada de forma experimental em 2010 e incluída no catálogo paranaense em 2011, por conta da grande demanda de empresas do setor florestal e das usinas de cana do Estado. “O treinamento em Brasília permitiu agregar bastante conteúdo e entender as diferentes demandas dos outros Estados. E também serviu para mostrar que o nosso curso está alinhado com o treinamento ofertado pelo Prefsogo”, destaca.

Ao longo dos anos, desde a criação, o SENAR-PR já realizou 221 cursos de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais em 46 diferentes municípios do Estado.

Brigada de Incêndio

Em breve, o SENAR-PR também irá promover o curso de Brigada de Incêndio, atendendo a NPT 017, com foco na prevenção e combate a princípio de incêndio predial (em instalações diversas). A capacitação terá 24 horas aula, com 20 vagas para trabalhadores e produtores rurais.

“Os mobilizadores, principalmente os Sindicatos, não podem confundir com o curso de Prevenção e Combate a Incêndios Florestais. A metodologia é outra”, destaca Corso.

Projetos-piloto do curso de Brigada de Incêndio estão sendo realizados desde o início do ano para a validação da metodologia, realização de possíveis ajustes e elaboração de manual e formação de novos instrutores. Inicialmente, o SENAR-PR irá atender usinas e empresas de silagem e armazenagem que precisam cumprir as normas da legislação local, que prevê um brigadista de incêndio em todas as edificações do Estado.

“Será atendimento pontual, para entender a demanda. Mas futuramente a ideia é colocar o curso no catálogo”, ressalta o engenheiro-florestal do SENAR-PR.

O balanço dos seminários do Programa Agrinho

Ao longo de três meses, em torno de 3 mil educadores participaram dos encontros nas 10 regionais do SENAR-PR



Promover a formação continuada de professores, pedagogos e diretores da rede estadual de ensino para acessar as bases metodológicas proposta pelo Programa Agrinho. Esse foi o principal objetivo dos seminários realizados entre abril, maio e junho de 2016 em todo o Estado. Ao longo de três meses, em torno de 3 mil educadores participaram dos encontros nas 10 regionais do SENAR-PR. “Durante os seminários aumentou a procura pelo nosso Programa. Além disso, conseguimos divulgar a nossa modalidade de educação à distancia”, avaliou a pedagoga Josimeri Aparecida Grein, coordenadora do Agrinho.

Entre abril, maio e junho, especialistas em educação percorreram o Estado levando o conhecimento, metodologias inovadoras

de ensino, totalizando 32 palestras. “Nós levamos esses especialistas, autores do nosso material. Além da bagagem desses profissionais, eles possuem uma dinâmica que chamou a atenção do público em geral”, observou Josimeri.

Para a pedagoga Regiane Hornung, os encontros foram fundamentais para divulgar o papel do SENAR-PR na área da educação. “Os participantes entenderam a nossa missão através do Programa Agrinho”, analisou. De acordo com a chefe do departamento de Educação e Trabalho, Margaret Sbaraini, da Secretaria Estadual de Educação, os encontros foram positivos em todo o Paraná. “Os eventos tiveram bons palestrantes e a avaliação dos chefes de núcleos foi positiva”.

Educação deve ser preventiva

Adolescência, metodologias de ensino e desenvolvimento humano foram os temas da palestra proferida pela professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Araci Asinelli da Luz, graduada em História Natural pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1969), mestrada em Educação pela Universidade Federal do Paraná (1987) e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (2000).

Segundo ela, toda educação, por definição, deve ser preventiva. “É preciso chamar a atenção dos professores quanto às metodologias aplicadas em sala de aula. Eles devem se adaptar a cada público. Além da abordagem pró-ativa, com os adolescentes, por exemplo, é necessário abrir espaço para que eles exponham seus pensamentos e opiniões”, ressaltou a palestrante.

Entre os palestrantes também estava o professor Marco Silva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), doutor em Educação pela Universidade do Minho, em Portugal. De acordo com ele, a educação via internet vem se apresentando como grande desafio para o professor, acostumado ao modelo clássico de ensino da sala de aula presencial. “Hoje o modelo tradicional de educação baseado na transmissão para memorização, ou na distribuição de pacotes fechados de informações ditas ‘conhecimento’. Há cinco mil anos a escola está baseada no falar-ditar do mestre e na repetição do que foi dito por ele”, destacou

Segundo Marco, diante do computador online, o usuário transita da condição do espectador da TV, para a condição de sujeito operativo, participativo. “O professor pode inquietar-se bem com essa transição e aí encontrar inspiração para reinventar sua autoria

na sala de aula online e também na sala de aula presencial”, diz.

O professor explica que, a tela do tablet, laptop e celular não é espaço de transmissão, mas ambiente de imersão, manipulação e interlocução, com janelas, ícones e aplicativos móveis. “Estes estão abertos a múltiplas conexões off e online, as quais permitem intervenções e modificações, autorais e colaborativas no conteúdo e na comunicação.”

Ainda de acordo com ele, no que se refere ao mundo digital há a chamada Flipped classroom, nome que inverte a lógica de organização da sala de aula. Nessa modalidade de ensino, os alunos tomam o primeiro contato com os conteúdos de aprendizagem em suas casas, através de videoaulas, incluindo recursos digitais como emails, Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), redes sociais, games e blogs, entre outros recursos propostos pelo professor. Nesse sistema a sala de aula é usada para a realização de exercícios solitários, atividades em grupo e realização de projetos. “Depois disso, o professor tira dúvidas, aprofunda no tema, estimula discussões e aprendizagem.”

Maioridade

O Programa Agrinho completa 21 anos, levando às escolas da rede pública e particular de ensino uma proposta pedagógica baseada em uma visão complexa, nas inter e transdisciplinaridade, bem como a pedagogia da pesquisa. Anualmente, o Programa envolve a participação de mais de 1 milhão de crianças e professores da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e Educação Especial, envolvendo todos os municípios do Estado.



Nada de soja!

Vazio sanitário começou no dia 15 e se estende por 90 dias. Neste período, é obrigatória a ausência de plantas vivas de oleaginosa no campo

O vazio sanitário da soja no Paraná começou no dia 15. Conforme determina a Portaria 109/2015 da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), durante o período de 90 dias – ou seja, até 15 de setembro – é obrigatória a ausência total de plantas vivas de soja nos campos do Estado.

A medida tem como objetivo principal combater o fungo *Phakopsora pachyrhizi*, causador da ferrugem asiática. A doença gera a desfolha precoce da planta que prejudica a formação e o enchimento dos grãos, consequentemente a redução acentuada de produtividade. “A soja é a principal hospedeira da ferrugem asiática. Ou seja, eliminando o hospedeiro por esse período, o fungo da doença se reproduz menos e no verão a pressão é menor nas lavouras”, destaca o engenheiro-agrônomo Fernando Aggio, do DTE da FAEP.

Os reflexos positivos do vazio sanitário são registrados na safra de verão, quando a soja ocupa milhões de hectares em todas as regiões do Paraná. Com o controle correto da doença, os produtores reduzem o número de aplicação de fungicida nas lavouras de oleaginosa. “E isso impacta diretamente no custo de produção, ainda mais em uma época de margens apertadas”, reforça Aggio.

Porém, o vazio sanitário não significa que a terra precise ficar parada. O produtor pode optar por alguma cultura de inverno ou

pelo milho safrinha. Além disso, o trabalho de monitoramento precisa ser constante, assim como o controle das plantas daninhas e a eliminação das plantas voluntárias de soja.

Semeadura

Encerrado o vazio sanitário, em 15 de setembro, o plantio da soja está autorizado até dia 31 de dezembro, conforme o zoneamento agrícola estadual. Neste período, o produtor precisa monitorar a cultura a partir da emergência das plantas e intensificar na floração. A atenção também tem que ser redobrada em locais com maior acúmulo de umidade.

Outra ação simples, mas eficaz, é retirar folhas dos terços médios e inferior da planta e observar contra a luz para verificar se existem pontuações escuras e/ou saliências semelhantes a pequenas feridas (bolhas), que podem sinalizar a presença da ferrugem asiática. Neste caso, é importante iniciar o controle eficiente da doença, caso necessário, com acompanhamento de um engenheiro-agrônomo.

Durante a safra, registros da ferrugem asiática podem ser verificados no site do Consórcio Antiferrugem – www.consorcioantiferrugem.net.

Adeus ao pai do vazio sanitário

José Tadashi Yorinori, considerado um dos mais renomados fitopatologistas do país, morreu na semana passada, em Londrina



O fitopatologista José Tadashi Yorinori, um dos mais conhecidos pesquisadores de soja do Brasil, faleceu na semana passada, em Londrina, no Norte do Paraná, após sofrer uma parada cardíaca. No fim de abril, Yorinori sofreu uma queda da escada e estava internado. Ele morreu aos 72 anos.

Tadashi era engenheiro-agrônomo formado na Universidade Federal do Paraná (UFPR), com mestrado na Universidade de Cornell e doutorado em Fitopatologia pela Universidade de Illinois (EUA). Tinha mais de 40 anos de pesquisas dedicadas à soja, especialmente em doenças como a ferrugem asiática. É conhecido como o “pai do vazio sanitário”, em referência ao período de proibição de permanência de plantas da oleaginosa nas lavouras.

O combate ao cancro da haste também foi outro estudo do fitopatologista. Descoberta no país em 1984, o fungo causava severas perdas, que podiam chegar até 100% da produção. Os prejuízos eram bilionários.

“Tadashi era um legítimo bicho do agronegócio paranaense. Se formou na UFPR e por anos trabalhou na Embrapa e no Iapar. Mas suas pesquisas ultrapassaram os limites do Estado e até mesmo do Brasil. Foram décadas de dedicação às questões fitossanitárias, com incansáveis estudos e esforços para combater as doenças, principalmente a ferrugem asiática, que desafiam os produtores diariamente. É uma perda muito grande, mas o seu legado, como o vazio sanitário, será preservado para sempre”, ressaltou Ágide Meneguette, presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR.

O pesquisador iniciou seu trabalho no Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar) e trabalhou na Embrapa Soja, de 1978 a 2007. Até sua morte, Tadashi atuava como consultor para produtores rurais e entidades ligadas ao setor produtivo no Brasil e no exterior.

Diversificação silenciosa

Produção de casulos da seda gera renda extra aos produtores do Paraná. Desafio é a continuidade da atividade, diante do desinteresse das novas gerações

Por Carlos Guimarães Filho

Num olhar desatento, as dezenas de barracões espalhados pelas propriedades dos municípios do Noroeste do Paraná podem dar a entender que a região é uma grande produtora de frango. Engano. As enormes estruturas com lonas nas laterais espalhadas pelas localidades abrigam uma atividade silenciosa, longe de qualquer semelhança com o piar ininterrupto de milhares de pintainhos, mas tão rentável quanto o alojamento de frango.

O chamado Vale da Seda, região que comporta aproximadamente 30 cidades no Noroeste do Estado, abriga a maior parte da produção nacional de casulos da seda. Os bichos-da-seda são incansáveis, trabalham dia e noite, o que permite produzir 70% dos fios da seda brasileiros. O restante tem origem nos Estados de São Paulo e Mato Grosso.

A sericultura, em menor ou maior proporção, é uma forma de agregar valor à propriedade e gerar renda extra ao agricultor em tempos de escassez de mão de obra para trabalhar no campo. A cultura permite diversificar as atividades, sem necessariamente

contratar mais funcionários. A conta é simples: cada área de 2,4 hectares da amoreira – as folhas servem para alimentar o bicho-da-seda – exige a dedicação de duas pessoas. Ou seja, geralmente o proprietário com auxílio da esposa e/ou do filho tocam a sericultura.

O ingresso na atividade não exige investimentos astronômicos. O primeiro passo é a construção de um barracão, geralmente com as medidas de 27 metros por 7,5 metros, suficiente para alojar quatro caixas de larvas, cada uma com 38 mil indivíduos. Essa quantidade de larvas, a cada criada de 23 a 25 dias, produz, em média, 240 quilos de casulos, que são vendidos a R\$ 17,00 o quilo.

É possível realizar nove criadas por ano. Nos meses de inverno intenso, a atividade é suspensa. “No inverno, não tem produção porque a temperatura muito baixa deixa as amoreiras em dormência. Mas estamos trabalhan-



Bicho-da-seda em números

70%

da produção de fio da seda do Brasil têm origem no Paraná.

2,8 milhões

de quilos de casulos serão recebidos pela Bratac, única empresa de fiação no país, na safra 2015/16. Na temporada 2014/15 foram 2,74 milhões de quilos de casulos.

do para começar a temporada mais cedo, no final de agosto, para viabilizar 10 criadas por temporada”, explica Rafael da Silva Filho, agente de sericultura da fiação de seda Bratac, empresa com fábricas em Londrina e em Bastos, em São Paulo. A segunda recebe a produção do estado paulista e do Mato Grosso.

Fomento

A Bratac é a principal – e única – fomentadora da sericultura no Brasil. Há duas décadas, o país chegou a registrar 17 fiações industriais que acabaram fechando por conta da queda na produção, em função da desistência de muitos produtores, e a concorrência chinesa. Os asiáticos são os maiores produtores mundiais do fio da seda. Porém, o produto com origem brasileira é considerado o melhor do mundo no quesito qualidade. “O pessoal lá fora tem muito interesse pelo fio daqui”, ressalta o agente da Bratac.

Mesmo assim, a empresa não passou ilesa a transformação do mercado global. A Bratac chegou a contar com seis mil produtores-fornecedores de casulos e ex-

portar para 26 países. Hoje, apenas seis nações espalhadas pelo mundo compram o fio da seda produzido por não mais que 2,5 mil sericultores.

“A queda [na produção] não permite abastecer os mercados internacionais. A empresa está ansiosa por mais produção, mas os filhos dos produtores não querem ficar na atividade”, relata Rafael. “O lado bom é que o Paraná está mantendo o número de produtores nos últimos anos”, complementa.

A produção ocorre em cinco fases. As três primeiras acontecem no campo de criação da Bratac. Em seguida, os produtores recebem as larvas “acordando”. O fundamental neste momento é não deixar faltar alimento para que possam se desenvolver. Entre 15 e 17 dias, quando começa a fase de emboscamento, caixas de madeiras com pequenos espaços são colocadas para que o bicho-da-seda solte o fio para fazer o casulo. Na época certa, entre 23 e 25 dias, ocorreu a colheita do casulo para ser entregue a empresa para fiação.

Na safra passada, a Bratac recebeu 2,74 milhões de quilos de casulos. Quantidade que deve sofrer o aumento de apenas 2% na temporada 2015/16. 80% da produção são exportados, principalmente para França e Itália, enquanto o mercado interno consome o restante.



239

Produtores

estão envolvidos com a atividade na região de Nova Esperança, principal polo produtor no Paraná. A estimativa de produção de casulos safra 15/16 chega a 310 mil quilos

64 mil

quilos de casulos serão produzidos na região de Tuneiras do Oeste, outro grande polo produtor e que inclui os municípios de Cruzeiro do Oeste, Tapejara, Janiopolis, Umuarama e Jaracatiá, num total de 43 produtores.

R\$ 17

esse é o valor que o produtor recebe por cada quilo de casulo de boa qualidade

25 dias

esse é o tempo, em média, de desenvolvimento da larva do dia que chega a propriedade até entrega do casulo a empresa de fiação.

Segredo do sucesso

Uma boa produção de casulos começa do lado de fora do barracão. O segredo do sucesso do fio da seda de qualidade está na lavoura de amoreira. A planta é o único alimento dos bichos-da-seda e exige cuidados contínuos. “O segredo [da atividade] é amoreira boa e manejo bom”, destaca Rafael.

É exatamente isso que o produtor Vicente Secco, de Tuneiras do Oeste, faz todos os dias, desde que acorda até a hora que vai dormir, quando coloca a última “cama” de folhas de amoreira sobre as larvas. Ele, com auxílio da filha Gleise e do genro Vitor Hugo, cuida dos 3,6 hectares de amoreira e dos dois barracões, além das outras atividades na propriedade como mandioca, pastagem e pecuária de leite.

“A lavoura de amoreira é o principal da atividade. Não pode, por exemplo, colocar as folhas úmidas para alimentação que atrasa o desenvolvimento das larvas”, diz Vicente, consciente da importância da atividade para renda familiar. “Nossa propriedade é pequena. Então, se trabalhar bem e produzir de acordo, dá um bom dinheiro.”

O ingresso na sericultura ocorreu exatamente com esse propósito, incorporar uma nova renda. Em 2001, a esposa assistiu a uma palestra sobre a sericultura. O interesse aconteceu de forma imediata. Atualmente, Vicente produz, em média, 390 quilos de casulos por criada.

Contra a maré

Apesar do diagnóstico de que as futuras gerações não têm interesse de permanecer na sericultura, há casos que mostram interesse pela atividade. Gleise Santos, filha do produtor Vicente, está envolvida com a produção de bichos-da-seda há oito anos, sem planos de largar. “Eu tenho um carinho especial”, relata.

A rotina de trabalho árduo envolve cortar as folhas da amoreira, espalhar pelo barracão ao menos cinco vezes ao dia, retirar os casulos na época certa e limpar o espaço para chegada de uma nova criada. Mas nada que reduza o ímpeto da moça. “Mais para frente, eu tenho a ideia de ter o meu próprio barracão”, conta.

Além do aprendizado junto ao pai, Gleise está se preparando para administrar o seu próprio negócio. Em 2014, ela fez o curso do Programa Empreendedor Rural (PER), desenvolvido pelo SENAR-PR em parceria com o Sebrae-PR e a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Paraná (Fetaep).

“O curso ajudou a trazer ideias novas para a propriedade e também na parte administrativa”, conta Gleise, que participou do encontro do encerramento do programa, em Curitiba, naquele mesmo ano.



Família Secco repõe as folhas de amoreira para alimentação dos bichos-da-seda até cinco vezes ao dia



Folhas de amoreira são o único alimento das larvas



Antonio Amaro e o filho Edimar recorreram à sericultura



Produtor recebe até R\$ 17 pelo quilo do casulo

Produtora que participou do Programa Empreendedor Rural se prepara para assumir a gestão

Salvação veio da seda

Além de permitir a diversificação das atividades, em alguns casos a produção de fio da seda ajuda a pagar as contas de outras culturas. O pai Antonio Amaro dos Santos e os filhos Edimar e Edivan quase perderam o sítio em função das dívidas geradas pelo algodão. A reviravolta ocorreu em 2005, quando eles ingressaram no bicho-da-seda.

“O algodão deixou uma situação bastante complicada. Ficamos três anos pagando as contas, graças ao bicho-da-seda”, conta Edimar.

A recompensa pela escolha de ingressar na atividade pode ser percebida logo na porteira da propriedade. Cada um tem sua casa com um carro na garagem. Com 8,4 hectares dedicados a amoreira e dois barracões, a família produz, em média, 700 quilos de casulo por criada. “Estamos bem hoje por conta do bicho-da-seda”, diz, aliviado, Antonio.



QUE SUPLEMENTO É ESSE?

Farmácias, lojas de produtos para atletas e até comerciantes de produtos naturais vendem alguns tipos de vitaminas e suplementos alimentares. Seus fabricantes criam constantemente dosagens diferentes, combinações novas e proclamam os benefícios dos seus produtos. Ao mesmo tempo, cientistas têm buscado formas melhores de extrair das plantas os seus compostos nutritivos e de sintetizar os nutrientes em laboratório.

Eles podem ser úteis, mas, antes de sair tomando qualquer coisa, é conveniente conhecer os tipos de suplementos existentes e as suas principais ações em benefício da nossa saúde. Veja abaixo alguns dos principais.

Vitaminas

As vitaminas são substâncias orgânicas essenciais para regular o metabolismo no interior das células e os processos que libertam energia dos alimentos. Há bons indícios de que algumas delas são antioxidantes – ou seja, previnem danos nas células do nosso corpo, e por isso poderão, talvez, ajudar a evitar doenças degenerativas.

Vitaminas podem ser classificadas em dois grandes grupos: aquelas que são solúveis nas gorduras, ou lipossolúveis (A, D, E e K); e as solúveis na água, ou hidrossolúveis (as 8 vitaminas do complexo B e a C). Essa distinção é importante,

pois o organismo armazena as primeiras por períodos relativamente longos (meses ou até anos), já as hidrossolúveis – à exceção da B12 – permanecem menos tempo no organismo, e por isso têm de ser repostas mais frequentemente.

Com exceção das vitaminas D e K, o organismo não tem a capacidade de produzir vitaminas. Por isso, para manter uma boa saúde, temos de ingeri-las através dos alimentos ou de suplementos.

Minerais

Os minerais estão presentes no organismo em pequenas quantidades. No total, costumam representar apenas 4% do peso total do corpo. São substâncias inorgânicas essenciais a um grande número de processos vitais, desde a formação dos ossos ao funcionamento normal do coração e aparelho digestivo. Alguns minerais têm sido associados à prevenção do câncer, da osteoporose e de outras doenças crônicas. As pessoas precisam repor a sua provisão de minerais pela alimentação ou, no caso de deficiências, mediante o uso de suplementos.

Dos mais de 60 minerais presentes no organismo, só 22 são considerados essenciais. Sete desses – cálcio, cloro, magnésio, fósforo, potássio, sódio e enxofre – são habitualmente designados por macrominerais, ou minerais principais. Os outros 15 são chamados de oligoelementos, ou microminerais, porque a quantidade de cada um que é necessária para uma boa saúde é mínima (habitualmente medida em microgramas, ou milionésimos de grama).

Plantas medicinais

Alguns suplementos são preparados a partir das folhas, caules, raízes, cascas, botões e flores. Elas podem ser usadas na sua forma natural ou transformados em comprimidos, cápsulas, pó, tintura e outras. Muitas plantas medicinais possuem vários compostos ativos que interagem uns com os outros para produzir um efeito terapêutico.

As plantas medicinais são, frequentemente, usadas para estimular o sistema imunitário ou ajudar a manter níveis de colesterol normais ou baixos. São, portanto, usados de forma a prevenir o surgimento de problemas de saúde.

Outros suplementos

Essa categoria inclui uma variada gama de produtos. Alguns, como os óleos de peixe (ricos em uma substância conhecida como Ômega 3, são substâncias alimentares que, na opinião dos cientistas, poderão combater certas doenças.

Os flavonóides, as isoflavonas de soja e os carotenóides são fitoquímicos, compostos presentes nos frutos e legumes que podem reduzir o risco de doenças e aliviar os sintomas de certos problemas de saúde.

Outros suplementos dietéticos, como o coenzima Q10, são substâncias presentes no organismo que podem ser produzidas sinteticamente em laboratório. Os lactobacilos, bactérias benéficas presentes no organismo, que podem ajudar a tratar alguns distúrbios digestivos, também se encaixam nessa categoria.

Já os aminoácidos são as unidades estruturais básicas das proteínas, que podem ter um papel no fortalecimento do sistema imunológico e em outras atividades que promovem a saúde. Eles também existem sob a forma de suplementos alimentares.

Sem efeito

USDA trouxe corte de estoques, mas mexeu pouco com o mercado

Por Tânia Moreira Alberti, economista da FAEP



Em 10 de junho, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) divulgou seu relatório de oferta e demanda do mês de junho, com estimativas para a safra 2015/16, que segue com o atraso na colheita na Argentina, e para a safra 2016/17, que segue em plantio nos Estados Unidos.

Antes da divulgação do relatório as cotações na CBOT oscilavam positivamente, com a soja chegando aos US\$ 12,00 por bushel. Após a divulgação do

relatório, as cotações passaram a buscar valores estáveis.

Soja

O USDA indicou corte na produção brasileira que passou para 97 milhões de toneladas, em relação as 99 milhões de toneladas estimadas no mês anterior. A produção da Argentina foi mantida em 56,5 milhões de toneladas.

As exportações americanas na tem-

porada 2015/16 foram elevadas, e as exportações brasileiras foram reduzidas em função da menor estimativa de produção.

Os estoques finais mundiais para 2015/16 caíram para 72,29 milhões de toneladas em relação as 74,25 milhões de toneladas do mês passado. A expectativa do mercado era de 73 milhões de toneladas. Os estoques finais americanos foram indicados em 10,07 milhões de toneladas, com corte maior que o esperado pelo mercado.

SOJA - SAFRA 2015/16

	Produção			Demanda		Exportações			Estoque final			
	mai/16	jun/16		mai/16	jun/16	mai/16	jun/16		mai/16	jun/16		
Mundo	315,86	313,26	↓	318,17	318,01	↓	132,58	132,04	↓	74,25	72,29	↓
Estados Unidos	106,93	106,93	→	54,70	54,97	↑	47,36	47,90	↑	10,89	10,07	↓
Brasil	99,00	97,00	↓	43,00	43,00	→	59,50	58,75	↓	16,30	15,05	↓
Argentina	56,50	56,50	→	50,05	50,05	→	11,40	11,40	→	26,80	27,02	↑
China	11,80	11,60	↓	95,25	95,25	→	0,15	0,15	→	16,43	16,23	↓

Fonte: USDA. Elaboração: DTE | Sistema FAEP (junho 2016)

Para a safra 2016/17 foram indicadas reduções nos estoques finais americanos e globais. O estoque final americano foi indicado em 7,06 milhões de toneladas, com corte acima do esperado pelo mercado (em média 7,86 milhões de toneladas). A safra americana foi mantida em 103,42 milhões de toneladas.

SOJA - SAFRA 2016/17

	Produção		Demanda		Exportações		Estoque final					
	mai/16	jun/16	mai/16	jun/16	mai/16	jun/16	mai/16	jun/16				
Mundo	324,20	323,70	↓	327,96	327,99	↑	138,31	137,71	↓	68,21	66,31	↓
Estados Unidos	103,42	103,42	→	55,53	55,53	→	51,30	51,71	↑	8,29	7,06	↓
Brasil	103,00	103,00	→	43,10	43,10	→	60,20	59,70	↓	16,30	15,55	↓
Argentina	57,00	57,00	→	48,75	48,75	→	10,65	10,65	→	24,45	24,67	↑
China	12,20	12,20	→	100,80	100,80	→	0,15	0,15	→	14,68	14,48	↓

Fonte: USDA. Elaboração: DTE | Sistema FAEP (junho 2016)

Os contratos futuros da soja na CBOT após a divulgação do relatório, registraram leves ganhos, com o contrato de julho-2016 cotado a US\$ 11,78 por bushel, o que continua a ser uma das melhores cotações dos últimos dois anos. Notícias sobre o aumento na chance de ocorrência do La Niña continuam a chamar atenção do mercado, embora o plantio americano ainda continue em situação de normalidade.

Milho

Para a safra 2015/16, o USDA cortou a produção brasileira de 81 para 77,5 milhões de toneladas. As exportações brasileiras foram reduzidas para 22,5 milhões de toneladas, enquanto as exportações americanas foram elevadas.

O estoque final mundial foi reduzido para 206,45 milhões de toneladas, e o estoque final americano foi reduzido para 5,94 milhões de toneladas, com corte acima do que era esperado pelo mercado.

MILHO - SAFRA 2015/16

	Produção		Demanda		Exportações		Estoque final					
	mai/16	jun/16	mai/16	jun/16	mai/16	jun/16	mai/16	jun/16				
Mundo	968,86	966,37	↓	968,26	968,33	↑	121,33	120,62	↓	207,87	206,45	↓
Estados Unidos	345,49	345,49	→	301,25	301,25	→	43,82	46,36	↑	45,79	43,38	↓
Brasil	81,00	77,50	↓	58,00	58,00	→	26,00	22,50	↓	5,94	5,94	→
Argentina	27,00	27,00	→	9,30	9,30	→	18,00	18,00	→	1,61	1,61	→
China	224,58	224,58	→	217,50	217,50	→	0,02	0,02	→	109,52	109,52	→

Fonte: USDA. Elaboração: DTE | Sistema FAEP (junho 2016)

Para a safra 2016/17 a produção americana foi mantida em 366,54 milhões de toneladas, configurando-se como a maior produção americana na série histórica. As exportações americanas foram elevadas, enquanto as exportações do Brasil foram reduzidas.

MILHO - SAFRA 2016/17

	Produção		Demanda		Exportações		Estoque final					
	mai/16	jun/16	mai/16	jun/16	mai/16	jun/16	mai/16	jun/16				
Mundo	1.011,07	1.011,77	↑	1.011,90	1.013,09	↑	132,89	133,13	↑	207,04	205,12	↓
Estados Unidos	366,54	366,54	→	310,40	310,40	→	48,26	49,53	↑	54,68	51,00	↓
Brasil	82,00	82,00	→	59,00	59,00	→	24,00	23,00	↓	5,54	6,54	↑
Argentina	34,00	34,00	→	10,40	10,40	→	23,00	23,00	→	2,22	2,22	→
China	218,00	218,00	→	227,00	227,00	→	0,02	0,02	→	101,50	101,50	→

Fonte: USDA. Elaboração: DTE | Sistema FAEP (junho 2016)

Após a divulgação do relatório, as cotações em Chicago até apresentaram ganhos, que depois foram revertidos para perdas considerando que a manutenção da produção americana na safra 2016/17 contrariou as expectativas de mercado, que apontavam para redução. O contrato futuro de julho-16 era cotado a US\$ 4,22 por bushel, ainda como umas das maiores cotações dos últimos dois anos.

Trigo

A produção e os estoques finais de trigo para as safras 2015/16 e 2016/17 foram maiores em relação ao relatório de maio, com indicações sobre os estoques finais acima do que era esperado. Por três safras consecutivas a produção mundial está acima do consumo mundial, com o crescimento dos estoques globais.

Após a divulgação do relatório, a cotação em Chicago para o contrato de julho-2016 despencou 2,37% no dia a US\$ 4,97 por bushel.

TRIGO - SAFRA 2015/16

	Produção		Demanda		Exportações		Estoque final					
	mai/16	jun/16	mai/16	jun/16	mai/16	jun/16	mai/16	jun/16				
Mundo	734,05	734,24	↑	707,68	707,77	↑	166,87	168,28	↑	242,91	243,01	↑
Estados Unidos	55,84	55,84	→	31,74	31,74	→	21,23	21,09	↓	26,61	26,67	↑
Brasil	5,54	5,54	→	10,20	10,20	→	1,30	1,20	↓	0,91	1,01	↑
Argentina	11,30	11,30	→	6,15	6,15	→	8,50	9,00	↑	1,53	1,03	↓
China	160,01	160,01	→	128,80	128,80	→	32,50	33,00	↑	19,03	18,73	↓

Fonte: USDA. Elaboração: DTE | Sistema FAEP (junho 2016)

TRIGO - SAFRA 2016/17

	Produção		Demanda		Exportações		Estoque final					
	mai/16	jun/16	mai/16	jun/16	mai/16	jun/16	mai/16	jun/16				
Mundo	726,99	730,83	↑	712,56	716,00	↑	163,92	165,59	↑	257,34	257,84	↑
Estados Unidos	54,37	56,53	↑	32,71	33,53	↑	23,81	24,49	↑	27,99	28,58	↑
Brasil	5,50	5,30	↓	10,10	10,10	→	1,00	1,00	→	1,11	1,21	↑
Argentina	14,50	14,50	→	6,30	6,30	→	8,50	8,50	→	1,23	0,73	↓
China	156,50	157,50	↑	126,80	127,80	↑	35,00	35,50	↑	19,23	18,43	↓

Fonte: USDA. Elaboração: DTE | Sistema FAEP (junho 2016)



SEMINÁRIOS

TENDÊNCIAS DE MERCADO

DE GRÃOS



Qual será o comportamento dos preços da soja, do milho e do trigo?

As mudanças no clima nos EUA e nos países do Mercosul, a volatilidade de preços das commodities agrícolas no mercado internacional, a taxa de câmbio no Brasil apresentam um cenário de risco e oportunidades para os produtores. A FAEP, em parceria com os Sindicatos Rurais, realizará os eventos nos seguintes locais, datas e horários:

PALESTRANTE

Flávio França Junior

Analista de mercado de commodities. É economista e atua há 30 anos em análise agroeconômica e de mercados de commodities, sendo diretor presidente da França Junior Consultoria.

SISTEMA FAEP



LOCAIS, DATAS E HORÁRIOS

Cornélio Procopío

20 de Julho | 09h00 às 11h30

Auditório do Sindicato Rural de Cornélio Procopío
Av. Alberto Carazzal, nº 1630 - Centro

Londrina

20 de Julho | 19h00 às 21h30

Auditório Milton Alcover
Parque de Exposições Ney Braga
Av. Tiradentes, nº 6275

Maringá

21 de Julho | 09h00 às 11h30

Salão Central - Parque Internacional de Exposições Francisco Fois Ribeiro
Av. Colombo, nº 2186 - Vila Moranguera

Campo Mourão

21 de Julho | 19h00 às 21h30

Associação dos Engenheiros Agrônomos de Campo Mourão
Av. Irmãos Pereira, nº 2900 - Centro

Cascavel

26 de Julho | 14h00 às 16h30

Auditório Principal Show Pecuário
Parque de Exposição Celso Garcia Cid
BR277, km 600 - Santos Dumont

Pato Branco

27 de Julho | 09h00 às 11h30

Auditório do Centro Regional de Eventos
R. Benjamim Borges dos Santos, nº 611 - Fraron

Ponta Grossa

28 de Julho | 09h00 às 11h30

Associação Comercial, Industrial e Empresarial de Ponta Grossa
R. Comendador Miró, nº 860 - Centro

Guarapuava

28 de Julho | 19h00 às 21h30

Anfiteatro do Sindicato Rural de Guarapuava
R. Afonso Botelho, nº 58 - Trianon

Clima prejudica produção de feijão e preço dispara

Chuvvas excessivas e estiagem provocaram quebra de 18% na safra paranaense

Por André Amorim



Na última semana, a apresentadora Ana Maria Braga causou suspense em seu programa matinal ao anunciar o fim de um casamento de longa data. Os espectadores que imaginavam tratar-se do fim de algum romance entre celebridades souberam logo depois que o divórcio era entre o arroz e o feijão, dupla imbatível nos pratos dos brasileiros de Norte a Sul.

Por conta de problemas de abastecimento, o preço do feijão atingiu preços recordes no mercado, sendo comercializado na semana passada, em algumas praças de São Paulo, acima dos R\$ 560,00 a saca do carioca nota 9. Em Castro, na região dos Campos Gerais, segundo o Instituto Brasileiro de Feijão e Pulses (Ibrafe) a saca do feijão carioca nota 8,5 estava cotada a R\$ 460,00 e, em Pato Branco, R\$ 495,00. Para efeito de comparação o preço médio do feijão carioca há um ano no Paraná girava em torno de R\$100,00 a saca.

A consequência dessa dinâmica já se reflete no varejo. Em duas redes de supermercados de Curitiba, um quilo de feijão ca-

rioca é encontrado hoje por preços que variam entre R\$ 9,30 e R\$ 13,69. Esse mesmo feijão era comercializado em junho do ano passado a R\$ 4,58.

Segundo o engenheiro-agrônomo Christopher Azevedo, do Departamento Técnico e Econômico (DTE) da FAEP, nos últimos cinco anos, houve um déficit na produção brasileira de feijão em relação ao consumo. Com isso, os estoques foram reduzidos consideravelmente, abrindo espaço para o desabastecimento.

O Brasil produziu 3,4 milhões de toneladas de feijão na safra 2013/14; 3,1 milhões de toneladas na 2014/15 e apenas 2,9 milhões de toneladas na 2015/16, de acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Essa queda de produção reduziu os estoques a apenas 108 mil toneladas.

Também contribuiu para essa situação, a redução na área cultivada na primeira e segunda safras deste ano, período em que muitos produtores decidiram migrar para outras culturas, como milho e soja. Na primeira safra houve retração de 7,3% de área nacional.



Chuvvas nunca vistas

No Paraná, principal produtor brasileiro de feijão, a área plantada encolheu 6,5%, enquanto a produtividade caiu 15% em relação à safra passada. Foram colhidas 290 mil toneladas, marcando uma quebra de produção de 14%. Na segunda safra foram colhidas 318 mil toneladas, uma quebra da ordem de 21% em relação ao potencial de produção do Estado. De acordo com o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab), as quebras nas duas safras somam 131 mil toneladas a menos do grão. Do potencial de 746

mil toneladas, o Paraná colheu apenas 614 mil. Até o momento já foi colhido mais de 98% da safra paranaense.

As perdas foram ocasionadas principalmente pelo clima. Uma combinação de chuvas intensas com um período de seca fez com que os resultados nas lavouras fossem um dos piores dos últimos anos. “Se colhia três toneladas, agora está colhendo uma tonelada e meia”, observa o produtor de feijão e presidente do Sindicato Rural de Castro, Eduardo Medeiros. Segundo ele, a área destinada ao feijão na região diminuiu por conta dos bons preços obtidos pela soja. “Fazia tempo que o clima não maltratava tanto. Dessa vez, além da redução de área, caiu a produtividade também”, analisa.

Na região do Norte Pioneiro não foi diferente. Segundo o produtor Clarindo Storti, de Wenceslau Braz, o clima foi responsável por uma quebra de cerca de 25% da produção. Na atividade há 15 anos, ele conta que é muito raro uma quantidade de chuvas como as que castigaram suas lavouras nesta temporada. “Nunca deu tanta chuva como esse ano”, avalia.

Seu prejuízo só não foi maior porque ele dividiu o plantio em duas etapas. Na primeira plantou 120 hectares, dia 15 de janeiro. “Essa colheu bem, deu uma produtividade boa de umas 40 sacas por hectare”. No início de fevereiro, ele semeou a segunda etapa, mas a diferença foi grande. “Deu 22 dias de sol, depois muita chuva, a semente que estava na terra apodreceu”, conta. Com isso, a produtividade caiu para uma média de 10 sacas por hectare.

No que se refere aos altos preços da leguminosa, não há perspectiva para este quadro mudar tão cedo. Segundo o analista do Deral da área de feijão, Carlos Alberto Salvador, a terceira safra de feijão, que deve ser colhida entre junho e outubro, ocupa apenas 5.199 hectares, com uma estimativa de produzir 6.017 toneladas do grão. “É praticamente insignificante”, diz.

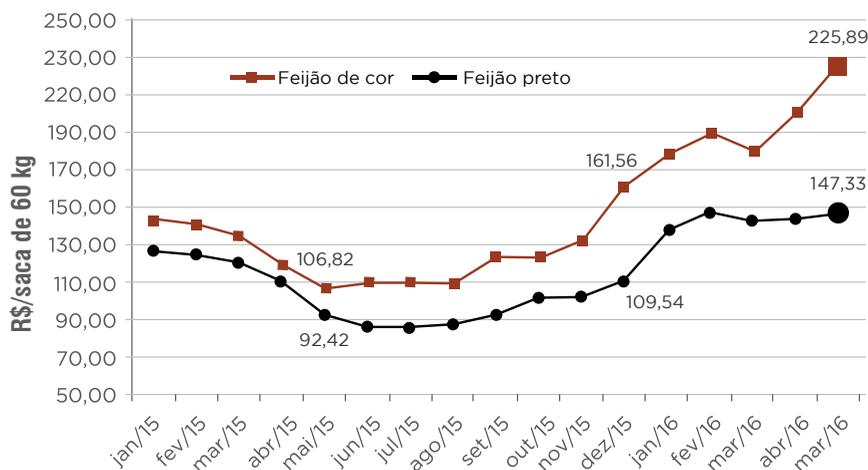
Importação pode ser uma opção

O feijão preto acompanhou o movimento de valorização do feijão carioca. Como se trata do seu principal substituto, a demanda faz o preço subir. De acordo com o Ibrafe, no Sul do Paraná a saca era comercializada a R\$ 230,00 na semana passada.

Diferente do feijão carioca, que praticamente só é produzido e consumido no Brasil, o feijão preto pode ser importado para suprir o mercado consumidor. Já se discute uma redução temporária da taxa de importação para que o grão possa chegar com preços mais acessíveis ao consumidor brasileiro. Essa medida é vista com bons olhos principalmente para aqueles que pretendem saborear uma bela feijoada no sábado. Já imaginaram feijoada sem feijão?

FEIJÃO NAS ALTURAS

PREÇO MÉDIO RECEBIDO POR MÊS NAS VARIEDADES PRETO E DE COR

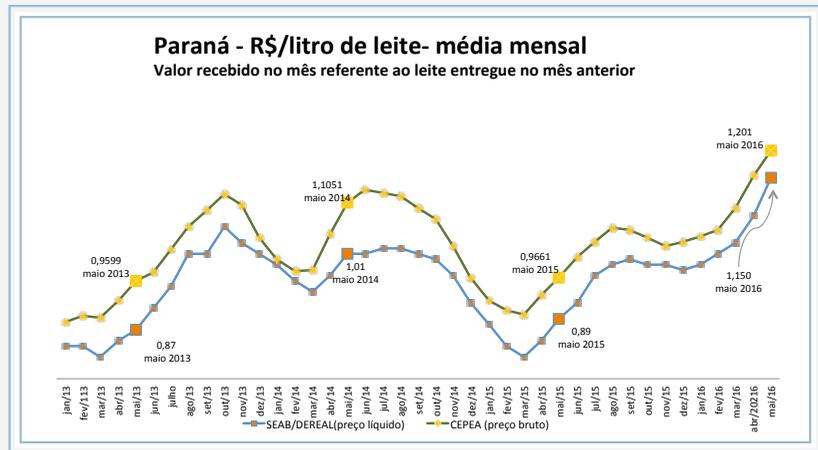


Fonte: USDA. Elaboração: DTE | Sistema FAEP (junho 2016)

Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite do Estado do Paraná / **CONSELEITE-PR**

RESOLUÇÃO Nº 06/2016

A diretoria do Conseleite-Paraná reunida no dia 14 de junho de 2016 na sede FAEP na cidade de Curitiba, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprova e divulga os valores de referência para a matéria-prima leite realizados em maio de 2016 e a projeção dos valores de referência para o mês de junho de 2016, calculados por metodologia definida pelo Conseleite-Paraná, a partir dos preços médios e do mix de comercialização dos derivados lácteos praticados pelas empresas participantes.



VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - ABRIL/2016

Matéria-Prima	Valor Projetado em maio/2016	Valor Final maio/2016	Diferença (projetado-final)
Leite PADRÃO	1,0792	1,1016	0,0224

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - ABRIL/2016 E PROJETADOS PARA MAIO/2016

Matéria-Prima	Valores Finais maio/2016	Valores Projetados em junho/2016	Diferença (projetado-final)
Leite PADRÃO	1,1016	1,1756	0,0740

(*) Os valores de referência da tabela são para a matéria-prima leite "posto propriedade", o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência está incluso Funrural de 2,3% a ser descontado do produtor rural

Observações: Os valores de referência indicados nesta resolução correspondem a matéria-prima leite denominada "Leite PADRÃO", que se refere ao leite analisado que contém 3,50% de gordura, 3,10% de proteína, 400 mil células somáticas/ml e 300 mil ufc/ml de contagem bacteriana.

Para o leite pasteurizado o valor projetado para o mês de junho de 2016 é de **R\$ 2,1176/litro.**

Visando apoiar políticas de pagamento da matéria-prima leite conforme a qualidade, o Conseleite-Paraná disponibiliza um simulador para o cálculo de valores de referência para o leite analisado em função de seus teores de gordura, proteína, contagem de células somáticas e contagem bacteriana. O simulador está disponível no seguinte endereço eletrônico: www.sistemafaep.org.br/conseleite

Curitiba, 14 de junho de 2016

WILSON THIESEN Presidente | **RONEI VOLPI** Vice - Presidente

Prorrogação do CAR agora é para todos

A Lei nº 13.295, de 14 de junho de 2016, estendeu a inscrição no Cadastro Ambiental Rural (CAR), obrigatória para todas as propriedades e posses rurais, para 31 de dezembro de 2017, prazo é prorrogável por mais um ano por ato do chefe do Poder Executivo.

A Lei prorrogou também para 31 de dezembro de 2017 a exigência da apresentação do CAR para concessão de crédito agrícola em qualquer de suas modalidades para proprietários de imóveis rurais. A nova legislação é resultado da Medida Provisória 707/2015, que foi aprovada pelo Congresso Nacional.



Curso para preenchimento da DP/Incra

A FAEP realizou nos últimos dias 14 e 15 de junho, em Curitiba, um curso voltado aos funcionários dos Sindicatos Rurais do Estado para o preenchimento da Declaração de Propriedade (DP) do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Anteriormente este cadastro era feito através do preenchimento de formulário de papel, hoje ele é feito via digital. Por isso a necessida-

de de atualizar os funcionários para que possam atender da melhor forma os produtores rurais em seus municípios.

A DP é necessária para obter o Certificado de Cadastro de Imóvel Rural (CCIR), documento que constitui prova do cadastro do imóvel rural e é indispensável para desmembrar, arrendar, hipotecar, vender ou prometer em venda o imóvel rural e para homologação de partilha amigável ou judicial (sucessão causa mortis). Ao todo foram treinados 30 funcionários. Quem ministrou o curso foi o técnico Altevir Góes, do Departamento Sindical do Sistema FAEP.

Milho

No último dia 16 de junho, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) divulgou, em nota, que vai buscar alternativas para o abastecimento de milho em 2014, como a retirada do PIS/Cofins para a importação. “Se deixarmos o milho entrar um pouco mais barato no país, sinalizaremos que o produtor poderá vendê-lo a um preço mais alto no futuro. Também queremos aumentar o preço mínimo para incentivá-lo a plantar mais milho na primeira safra. Ou seja, vamos estimular o plantio e a venda”, disse o ministro da pasta, Blairo Maggi.



Posto de fiscalização

No último dia 16 de junho, mais um posto fixo de fiscalização agropecuária e monitoramento entre o Paraná e Santa Catarina passou a funcionar em sistema de compartilhamento, com a inauguração da unidade na BR-101, na divisa com Garuva (SC). De acordo com a Secretaria de Agricultura e Abastecimen-

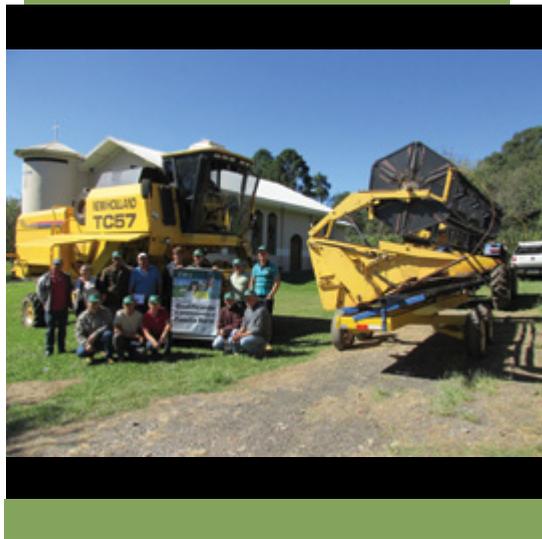
to (Seab), agora, dos dez postos de fiscalização existentes nos limites entre os dois Estados, oito compartilham as estruturas, gerando economia de custos, praticidade para os fiscais e para os transportadores de cargas. O supervisor regional da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), Elio Ricardo de Creddo, informou que neste local são fiscalizadas em média 800 cargas mensalmente, a maior parte de produtos de origem animal (43%) e vegetal (30,5%), além de animais (27%).

Altônia**Piscicultura**

O Sindicato Rural de Altônia realizou nos dias 15 e 16 de abril o curso: Trabalhador na Piscicultura. Participaram 15 produtores com o instrutor Nestor José Braum.

Campina da Lagoa**Armazenista**

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa realizou nos dias 3 e 4 de maio o curso: Armazenista - Secagem de Grãos. Participaram seis trabalhadores rurais com o instrutor Ramon Ponce Martins. O presidente do Sindicato, Célio Antonio Bueno, acompanhou o grupo na aula prática.

São Mateus do Sul**Colhedoras**

O Sindicato Rural de São Mateus do Sul realizou entre os dias 28 e 30 de abril o curso: Trabalhador na Operação e Manutenção de Colhedoras Automotrizes - Tangencial - NR31. Participaram 12 pessoas com a instrutora Silvana de Fátima Ribeiro Olzewski.

Porecatu**NR 33**

O Sindicato Rural de Porecatu realizou nos dias 11 e 12 de abril o curso: o Trabalhador na Segurança do Trabalho – NR 33 - Espaço Confinado – trabalhador e vigia. Participaram nove trabalhadores com o instrutor Marcelo Silveira dos Santos.

Capanema



Derivados de Pescado

O Sindicato Rural de Capanema realizou nos dias 5 e 6 de maio, na comunidade de Duas Barras, o curso: Produção Artesanal de Alimentos - derivados de pescado. Participaram 14 pessoas com o instrutor Frederico Leonneo Mahnic.

Sertanópolis



Jardinagem

O Sindicato Rural de Sertanópolis realizou entre os dias 26 e 28 de abril o curso: Jardinagem-Implementação e Manutenção. Participaram 13 pessoas com o instrutor Geremias Cilião de Araujo Júnior

Andirá



Artesanato de Tecidos

O Sindicato Rural de Andirá, em parceria com o CRAS do município, realizou entre os dias 4 e 20 de abril o curso: Artesanato de Tecidos - confecção básica de vestuário (corte e costura). Participaram 14 produtoras com a instrutora Rosilda Aparecida da Rosa Vaurof.

Cianorte



Condução de veículos

O Sindicato Rural de Cianorte, em parceria com o DETRAN e a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, realizou no dia 16 de maio o curso: Condutores de Veículos - DETRAN - atualização - condutores de veículos emergenciais. Participaram 18 pessoas com o instrutor Rovani Dutra de Souza.

O mais vendido

Nada de iPhones ou smartphones cheios de recursos. O modelo de telefone móvel mais popular da história é o Nokia 1100. Cerca de 250 milhões de unidades foram vendidas entre 2003 e 2009, o que faz dele um recordista de vendas em todas as categorias de produtos eletrônicos. Barato, elegante para os padrões da época (o usuário podia trocar a capa para mudar a aparência do aparelho) e bem equipado (tinha lanterna!), o pequeno Nokia alegrou muita gente!



Terremotos

O terremoto mais forte cuja intensidade pôde ser medida pela ciência (seja por instrumentos modernos ou por estimativas feitas a partir dos danos registrados) foi registrado em 1960 na costa do Chile. O tremor teve magnitude estimada em 9,5 e destruiu 40% de todas as edificações na cidade portuária de Valdivia. Já o evento com maior número de mortes ocorreu em Shaanxi, na região central da China, em 1556. Estima-se que 820 mil pessoas tenham perdido a vida na ocasião. Os três terremotos mais mortais da História ocorreram na China (os outros foram em Ningxia, em 1920, com 273 mil mortes; e em Hebei, em 1976, com 242 mil baixas).

A dívida

Dois amigos estão no funeral de um terceiro. A certa altura, um pega numa nota de cinquenta reais e coloca dentro do caixão. Admirado com aquilo, o outro pergunta:

— O que é isso?

— Um tempo atrás, o nosso amigo me emprestou cinquenta reais e eu nunca paguei. Para não ficar com a consciência pesada, prefiro pagar assim.

— Puxa, é verdade! Ele também me emprestou cinquenta reais e eu nunca paguei, também — diz o primeiro. Ato contínuo, ele pega um talão de cheque, faz um cheque de cem reais e o coloca entre as flores, dentro do caixão, e recolhe a nota de cinquenta que o amigo tinha colocado.



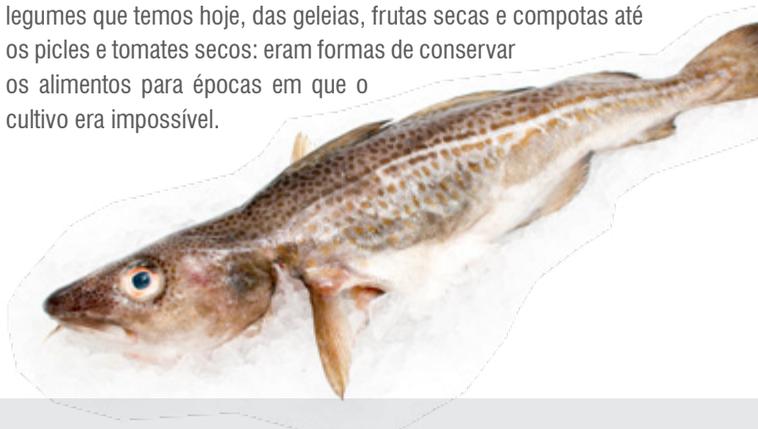
Muito bicho

Traduzindo, é mais ou menos isso que quer dizer a palavra “biodiversidade”. E parece até que ela foi criada sob medida para descrever o Brasil. Veja só: nosso país é terra natal de 600 espécies de mamíferos, 1,5 mil diferentes peixes, 1,6 tipos de aves, sem contar as 100 espécies de insetos. É, sem dúvida, o lugar de maior biodiversidade em todo o mundo!



Para o inverno

Se o bacalhau da Noruega é famoso até hoje, isso se deve aos vikings. Boa parte da dieta deles era formada por peixes, e eles não queriam deixar de comê-los quando o inverno congelava os mares. Assim, salgavam e colocavam a carne dos pescados para secar ao sol nos meses de verão, formando assim um estoque para as épocas frias. Uma origem parecida têm as conservas de frutas e legumes que temos hoje, das geleias, frutas secas e compotas até os pickles e tomates secos: eram formas de conservar os alimentos para épocas em que o cultivo era impossível.





Visitantes Famintos

A leitora Marina, de Figueira, mandou esta foto de um tucano em uma árvore, perto da casa dela. Ele é um visitante frequente, e vem atraído pelas frutas – eles, na verdade: certa ocasião, eram quatro, e Marina imagina que seja uma família.

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo e-mail: imprensa@faep.com.br



“Sua vida me pertence”

A frase acima foi o título da primeira telenovela brasileira, produzida pela TV Tupi – uma pioneira no gênero, disputando a primazia com “Senderos de amor”, uma produção cubana do mesmo ano. Tinha dois episódios por semana, exibidos às terças e quartas-feiras, com episódios de 20 minutos apresentados ao vivo. Daí em diante, o gênero ultrapassou todos os limites, tonando-se um fenômeno mundial a partir da década de 1970. As novelas se tornaram um fenômeno tipicamente latino-americano, com produções de Brasil, México e Colômbia conquistando o mundo.



A alma do feijão

O feijão é um dos cultivos mais antigos que se conhece. Os arqueólogos já acharam evidências de que ele era usado como alimento há mais de 8 mil anos. Mesmo assim, o grão já teve tempos difíceis. O filósofo grego Pitágoras, que viveu no século VI antes de Cristo, proibia seus seguidores de comer feijão. Na época, havia grupos religiosos que acreditavam que as almas dos mortos habitavam nos feijões. Pesquisadores de hoje em dia acham que a proibição tinha razões mais práticas: há um tipo de alergia, chamada de favismo, que faz com que os portadores que comerem feijões crus tenham sintomas terríveis, que podem levar à morte. Essa condição é hereditária, e afeta 30% das pessoas que moram, atualmente, no Sul da Itália e na Grécia.

A química da política

Um dos químicos mais importantes do Brasil foi... um político. Conhecido como o “Patriarca da Independência”, o santista José Bonifácio de Andrada e Silva estudou Direito, Matemática e Filosofia Natural (disciplina da época que incluía ramos como a Biologia, Botânica e outras ciências naturais) na Universidade de Coimbra, em Portugal. Em 1800, ele tornou-se professor de Geologia na mesma instituição. Ficou na Europa até 1819 e foi inspetor-geral das minas portuguesas. Em uma viagem de pesquisa à Suécia, liderou a equipe que identificou a petalita e o espodumênio, minerais que são as principais fontes do elemento lítio. Em consequência, José Bonifácio é reconhecido como o descobridor do lítio.



O GRANDE SÁBIO E O IMENSO TOLO

Por um acaso do destino, um velho e sábio professor e um jovem e estulto aluno se encontraram dividindo bancos gêmeos num ônibus interestadual. O estulto aluno, já conhecido do sábio professor exatamente por sua estultície, logo cansou o mestre com seu matraquear ininterrupto e sem sentido. O professor aguentou o quando pôde a conversa insossa e descabida. Afinal, cansado, arranjou, na sua cachola sábia, uma maneira de desativar o papo inútil do aluno. Sugeriu:

— Vamos fazer um jogo que sempre proponho nestas minhas viagens. Faz o tempo passar bem mais depressa. Você me faz uma pergunta qualquer. Se eu não souber responder, perco cem pratos. Depois eu lhe faço uma pergunta. Se você não souber responder, perde cem.

— Ah, mas isso é injusto! Não posso jogar esse jogo — disse o aluno, provando que não era tão tolo quanto aparentava -, eu vou perder muito dinheiro! O senhor sabe infinitamente mais do que eu. Só posso jogar com a seguinte combinação: quando eu acertar, ganho cem pratos. Quando o

senhor acertar, ganha só vinte.

— Está bem — concordou o professor — pode começar.

— Me diz, professor — perguntou o aluno -, o que é que tem cabeça de cavalo, seis patas de elefante e rabo de pau?

O professor, sem sequer pensar, respondeu:

— Não sei; nem posso saber! Isso não existe.

— O senhor não disse se devia existir ou não. O fato é que o senhor não sabe o que é — argumentou o aluno — e, portanto, me deve cem pratos.

— Tá bem, eu pago as cem pratos — concordou o professor pagando -, mas agora é minha vez. Me diz aí: o que é que tem cabeça de cavalo, seis patas de elefante e rabo de pau?

— Não sei — respondeu o aluno. E, sem maior discussão, pagou vinte pratos ao professor.

Moral: A sabedoria, nos dias de hoje, está valendo 20% da esperteza.

(Millôr Fernandes)



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em / /
Em / /

Responsável _____

SISTEMA FAEP



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo
está disponível no site:

sistemafaep.org.br